



NOTÁVEIS DE LOULÉ

É grande o escol de gente de Loulé que, na Capital e outras partes do Mundo Português, exerce cargos de relevo e alta posição.

Não será exagero dizer-se que os louletanos, mais talvez que qualquer outra localidade do Algarve, possuem representantes ilustres em vários ramos de actividade pública, como Embaixadores, Deputados, governadores de província, Directores Gerais, Reitores de Liceus, Altos Postos militares ou da Marinha, dirigentes corporativos, funcionários superiores, etc.

E é de obrigação reconhecer

Isidoro Manuel Pires

Faleceu em Tavira, no passado dia 20, o poeta e insigne jornalista algarvio Isidoro Manuel Pires, que era desde 1946, o Director do nosso ilustre colega «O Povo Algarvio».

Alma de eleição, Poeta de rara inspiração e de esmerada forma, orador distinto, deu à sua cidade, toda a colaboração e afecto que o colocam destacadamente entre os grandes de Tavira.

Presidente da Câmara daquela cidade por duas vezes, ali promoveu e executou obra notável não só no domínio da administração, mas de forma a elevar o nível intelectual e artístico da mesma.

As suas produções poéticas de alto lirismo e profundo sentido humanístico, colocaram o seu nome em posição de destaque que mereceu citação na «Enciclopédia Portuguesa e Brasileira».

A seu irmão sr. Manuel Virgílio Pires, editor e proprietário de «O Povo Algarvio» bem como a sua enlutada família endereça «A Voz de Loulé» a mais sentida expressão de condolências.

OS EXAMES do ensino primário

Realizaram-se há dias na sede do concelho os exames do 2.º grau, o que trouxe até nós um número muito elevado de alunos dos mais distantes lugares e com eles as respectivas mães ou pessoas que os acompanharam e cuja maior parte aqui permaneceu até final dos exames, pois as dificuldades de deslocações a isso os coagiram.

Durante esses dias, a vila teve um desusado movimento de meninos e meninas para quem o ambiente era completamente estranho, não escondendo por isso o seu espanto por pequenas coisas que aqui viam e com as quais se distraíam.

Entretanto as pessoas que os acompanhavam não escondiam as suas preocupações pela forçada permanência na vila enquanto esperavam que os pequenos fizessem as provas de exame.

Preocupavam-se pelos dias aqui perdidos e pelas despesas que is-

(Continuação na 3.ª página)

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Não podia Loulé, ficar indiferente como terra que teve parte especial, em anos anteriores, nesta notável Competição Desportiva, à distinção que lhe foi conferida, escolhendo-a como ponto de passagem da Caravana no dia 8 do corrente mês.

Para isso se movimentaram alguns desportivistas locais e conseguiram estabelecer os seguintes prémios:

1) — Taça da Câmara Municipal de Loulé, para o Clube a que pertencer o primeiro corredor que passar em Loulé.

Prémios do Louletano Desportos Clube:

2) — 300\$00 para o primeiro

que noutros sectores de actividade, no ramo de Seguros, no bancário, no industrial e no comercial também aparecem louletanos que, em cargos de grande destaque, têm marcado posição de primazia.

Em outros campos de actividade como na medicina, na arquitectura, na engenharia naval, ou civil, nas restantes ciências e na astronomia, ainda os louletanos aparecem a afirmar por forma destacável a sua eminência e a sua actuação inconfundível.

Mas, tal como se passa hoje, em Loulé, é grande a desagregação entre todos estes filhos ilustres desta terra, entre estes, é certo mais por mercê do condicionalismo do exercício das suas actividades do que pela nefasta

(Continuação na 3.ª página)

A ESTRADA DE SALIR

Pelo Fundo de Melhoramentos Rurais, recebeu há pouco a Câmara de Loulé a participação de 20 contos destinados a dar início à 5.ª fase da estrada de Salir que compreende a pavimentação a maquedame de 1.000 metros.

Trata-se, portanto, de uma simples reparação de um pequeno troço de uma estrada de 28 quilómetros em mau estado de conservação.

A estrada de Salir exige, porém, uma grande reparação, e essa grande reparação está organizada em cerca de 2.000 contos, verba verdadeiramente incomportável com as possibilidades

(Continuação na 2.ª página)

III ACAMPAMENTO Zonal do Sul e II de Divulgação Campista

Está despertando grande entusiasmo por parte de todos os praticantes da vida de Ar Livre, a iniciativa de se realizar este ano, desta vez em Torres Vedras, mais um Acampamento Zonal do Sul e de Divulgação Campista.

Esta organização é de extraordinário interesse para os iniciados, atendendo a que a sua inscrição até aos 18 anos é gratuita e, seja qual for o caso, não é necessária a Carta Campista, bastando a apresentação de qualquer documento identificativo.

Tem-se, assim, em vista, facilitar o ingresso no Movimento Campista, daqueles que o não conhecem na prática. E os resultados obtidos para a modalidade, através deste processo, foram de tal modo animadores em 1957, que os organizadores não tiveram dúvidas em o pôr em prática, novamente, para o Acampamento que se realizará de 14 a 17 de Agosto próximo.

Quaisquer pedidos de informação devem ser dirigidos para a Avenida da Liberdade, 105-2.º Lisboa.

QUARTEIRA E AS PRAIAS ALEMÃS

Pelo Dr. M. Santos Serra

Ninguém ignora o carinho dispensado pelos Romanos às fontes de água termal. E em Portugal, um dos países de maior variedade de águas minerais, existem reminiscências nítidas de como esse povo cultivou a hidrologia.

Tratamos das águas termais. E das águas do mar? Desde quando se faz uso delas?

Vem da antiguidade clássica o interesse que a humanidade lhes dedica.

O velho empirismo reconhecia-lhes grandes benefícios.

Contudo, há 200 anos apenas um médico inglês, Richard Russell, dá foro científico ao uso terapêutico das águas marinhas, lavando uma dissertação que correu mundo.

Em França, estes assuntos fizeram eco pela pena de Quinton e outros, e mais modernamente, na Alemanha, com Bauer e mais vultos da medicina germânica.

Pode afirmar-se que a Alemanha actualizou cientificamente estes estudos e converteu-os em aplicações práticas.

E assim é que um grande número de praias do Mar do Norte e Báltico se transformou noutras tantas estâncias balneares de terapêutica marinha onde funcionam centros médicos, prescrevendo regimes de cura apropriados. As estações alemãs funcionam

(Continuação na 2.ª página)



Pescadores de Quarteira reparando as suas redes

Defesa Civil do Território

A salvaguarda dos bens materiais e materiais da Nação constitui dever sagrado para todos os portugueses e, porque assim é, obrigação se torna para todos o conhecimento perfeito de, em casos de emergência, saber como deve empregar o seu esforço na quota parte que lhe venha a competir na missão de se salvar, salvar a sua família e o seu semelhante e de evitar o pânico.

O esforço tem que ser organizado, porque a D. C. T. não se coaduna com a improvisação, por melhores e mais arreigados que sejam os sentimentos de altruísmo, abnegação e humanitarismo. Daqui o estabelecimento de disposições legais, de que derivem os indispensáveis planeamentos.

D. C. T., a colaboração de cada um para a protecção de todos nós!

Sabe como socorrer pessoas com grandes queimaduras?

Tenha presente este princípio básico — Há mais coisas a não fazer do que a fazer.

— Não aplique água ou gorduras.

— Aquiete o paciente, deitando-o.

— Não limpe as queimaduras.

— Tape as queimaduras com

(Continuação na 2.ª página)

REGENTES Escolares

Porque estamos em épocas de exames, vale bem a pena destacar e com merecido e acentuado relevo estes humildes obreiros da instrução pública, valiosos elementos da campanha da extinção de analfabetismo.

Projectando-se para além da sua própria preparação intelectual, material e profissional, elas trazem a exame — e, regra geral, bem habilitados — alunos da 4.ª classe.

Lutando em meios de escassos recursos de todos os elementos não só didácticos, mas até os essenciais à vida, este trabalho de preparar alunos para o mais elevado grau do ensino primário, representa um esforço heroico e quase inconfundível, daquelas humildes obreiras do Ministério da Educação.

Aceitando, regra geral, por via da necessidade de viver sobre si, o magro ordenado que vencem, desdobram-se em sacrifícios, privações, cansaços, noites perdidas, excessos de trabalho, em holocausto a um brio, uma dignidade de exercícios de função e uma compreensão de dever que é perfeitamente irreal aos nossos dias e por isso mesmo digna de figurar como mérito exaltável.

(Continuação na 3.ª página)

UMA CARTA (ATRAZADA...) DE QUARTEIRA

Prezados leitores... banhistas

Talvez já o saibam... ou talvez não...

Em qualquer dos casos, permitam-me que use a «Voz de Loulé», para ter o prazer de informar toda a gente que já terminou por este ano, sem qualquer sombra de dúvida, o habitual período de «hibernação» desta nossa querida Praia.

Acabaram indiscutivelmente para Quarteira aqueles tristonhos meses durante os quais jaz, como é da praxe todos os anos, no mais completo e ingrato abandono...

Volto o Verão!... e com ele Quarteira volta também, a todo o vapor, a apresentar o aspecto

caracteristicamente bulhoso e folgazão que a distingue das suas congéneres e a tornou tão popular.

Desde manhã cedo à noite, reinam já novamente pela Praia fora e vizinhanças o barulho, o movimento e a animação dos seus melhores dias.

As camionetas, os automóveis, as motos, as bicicletas e até os carros de besta só (há alguns que trazem várias, salvo seja...) não param de «despejar» aqui as suas tripulações, cuja alegria transbordante revela bem os pensamentos que trazem no íntimo...; belas banhocas a dar, pernas ao léu para apreciar, namoros «a

(Continuação na 3.ª página)

DOUTOR JOSÉ BERNARDO LOPES

SÃO PASSADOS DOIS ANOS

Não pretendemos vir aqui fazer o seu perfil moral, pois que tudo quanto houvessemos a dizer e escrever a seu respeito pode sintetizar-se nestas palavras: foi um bom, um amigo do amigo e de um coração que lhe deu jus à estima de todos que com ele

conviviam, cuja existência se apagou no cruel milismo da morte, e cujo cadáver se esconde na algidez do túmulo, onde a vida de nós todos tem o seu destiderrato final.

E agora que o seu corpo dorme tranquilo nas sombras do túmulo, só nos resta chorar a sua perda, e perpetuar a sua memória no bronze ou no mármore, dívida que está por saldar àquele coração que já não palpita.

Amigo dedicado e franco, homem afável, médico distintíssimo, o saudoso extinto reunia em si apreciáveis qualidades, que todos nós, louletanos, os que tinham a honra do seu convívio diário, ou ainda os que só o conheciam, sabem bem aquilatar da sua perda, do seu desaparecimento do número dos vivos, cuja morte sinceramente sentimos e lamentamos, neste tumultuar de paixões e neste estor de ódios e malquerenças.

Na sua posição destacada em

(Continuação na 3.ª página)

DIVAGANDO...

CARTA A ALGUÉM QUE ESTÁ LONGE E MESMO DE LONGE NOS ESCUTA...

Minha boa Amiga!

Quis a sua maravilhosa intuição dar-nos conselhos, favorecer-nos com um pouco de amparo espiritual, neste deserto de alma em que nos encontramos, neste vértice curioso da vida, em que saturados de realizações e satisfações materiais, o espírito reclama aventuras.

Para o fazer, recorreu com a sua habitual sagacidade e riqueza de espírito, a três perguntas lapidárias, julgando que fosse impossível arranjar-lhe uma resposta condigna, capaz na sua sinceridade, de impôr uma justificação, aos meus desabafos confidenciais e íntimos.

Vou, pois, tentar responder às suas três perguntas, pela ordem que as formulou e apreendendo o melhor que me foi possível o sentido com que as fez.

1.ª

Porque nada iguala o sabor e o encanto de uma aventura na vida de uma pessoa!

Ter sempre para recordar intimamente, um sonho que se viveu, uns dias, uns meses, ou uns anos, em que a vida foi deliciosa foi vivida fora do vulgar, fora da futilidade, do trivialismo de todos os dias!

A ligação permanente, vulgar

(Continuação na 4.ª página)

A PRAIA de Quarteira

JÁ TEM UMA PRANCHA DE SALTOS

Desde há vários dias que se encontra fundada em frente da zona de banhos da Praia de Quarteira uma prancha para saltos que a Junta de Turismo teve a feliz iniciativa de mandar construir para uso dos veraneantes.

Foi assim dada satisfação a uma legítima aspiração da numerosa colónia balnear da nossa praia, que desde há muito sentia a falta desse melhoramento, pois a ausência de rochas ou de qualquer outro objectivo que se pretendesse alcançar, tornava a natação monótona.

A prova de que esta iniciativa foi bem acolhida está patente na grande afluência registada tanto aos domingos como nos dias de semana, apesar de haver muitas pessoas que tomam banho sem saber nadar. Essas têm-se deslocação de barco, assim como as que acham que a prancha está excessivamente longe em relação aos seus conhecimentos de natação ou resistência.

Concordamos que assim é atendendo ao elevado numero de frequentadores que apenas ensaiam os «primeiros passos» da natação.

E já que tocámos neste ponto ocorreu-nos sugerir à Junta de Turismo a vantagem de estudar as possibilidades de, a exemplo do que se faz em Monte Gordo, trazer até Quarteira, um professor de natação (que os próprios nadadores ajudariam a pagar) com o objectivo de incrementar na nossa praia o gosto por tão salutar desporto.

Dessa forma seria possível preparar nadadores aptos a disputar provas de competição, o que por certo daria desusada animação à Praia de Quarteira.

Visado pela Com. de Censura



3de AGOSTO
1958

ANO I
N.º 24

Correspondência para
Casimiro de Brito

Rua Bocage, 140
— F A R O —

Tríptico

para a reabilitação do luar

1

Mortal e pálido. Olhar de aço
sobre o mar. Estremeço
de frio e azul. Advena
entre a poesia secular.

Ao longe uma canção áurea.
O gelo do teu infinito corpo.

2

Hoje falou-me de ti
a rosa. Ainda via a decidua
luz sobre a terra.
Ensina-me a nova imensidade
do deserto em chama a tua solidão
nascendo imprópria para o sonho.
O homem de boca surpresa
postado na praia sem compreender.

3

Talvez. A palavra básica
da tua metamorfose em mim.
Nem só a noite. Mesmo
pelo dia fora e o sol vivo.
Espada de doces contornos
carícia de flor gélida.
Amo-te. Igual à tua mensagem
de incomparável dívida
o meu passo.
Igual ao teu bafo
de êxtase suicida
o tremor polar
da minha angústia descoberta.
Igual
mas diverso na altivez
do fim.

Orlando Neves

Do Livro a publicar
«O Gesto Suspense»

Acção de graças a Gabriel Fauré

Gabriel-Urbain FAURÉ n. 1845, m. 1924) é, com Claude DEBUSSY e Maurice RAVEL (discípulo seu no Conservatório de Paris), um dos três Reis Magos da moderna Música francesa, à qual coube, após a morte de Wagner, a hegemonia universal. E também, dos três, o mais ignorado, o menos divulgado fora da França; em Portugal, quase totalmente desconhecido — será exagero dizê-lo?

E isto por razões óbvias: a revolução debussysta foi mais espectacular (sem que neste termo vá qualquer censura) e pôde parecer mais agressiva. O requinte raveliano pôde tomar, no Bolero e em La Valse, por exemplos, formas mais facilmente acessíveis a uma larga audiência, e isto mau grado o desprezo imenso de Ravel (como de Debussy e de Fauré) por toda espécie de vulgaridade.

Mas Gabriel Fauré permanece esplendidamente isolado nos cimos aristocráticos de que jamais concedeu descer, igualmente descurando o aplauso fácil do snobismo como o da multidão.

A revolução de Gabriel Fauré não terá sido fundamentalmente técnica. Foi uma revolução em profundidade. Ele renovou inteiramente a essência mesma da linguagem musical. Não hesitarei em afirmar que a renovação de Fauré, e em despeito das aparências, foi tão ou mais profunda que a de Debussy (abstracção feita da grandeza intrínseca destes dois enormes criadores, que é a mesma), porque, se a de Claude-Achille consistiu na invenção de novos acordes e formulas novas, a de Gabriel Fauré fez-se no sentido da natureza mais íntima da linguagem musical, criando genialmente o idioma em que, mantendo embora as suas personalidades acusadamente distintas, se exprimiram ele próprio, Debussy, Ravel.

Bem o pude verificar ouvindo de novo, na Sexta-feira santa, o seu Requiem sublime, página máxima da Música, obra inefável, em que se respira uma atmosfera seráfica, divina, toda de serenidade e de helénica pureza, de emoção profunda e cheia de pudor. Um Requiem diferente de todos os que conheço, pois só ele dá sentido às palavras — requiescant in pace, abrindo sobre a morte horizontes extáticos, de celeste beatitude «Morrer, dormir — dormir sonhar talvez». Prodigioso Requiem que nos faz por momentos amar a morte, tão repousante a imagem que dela nos dá (berceuse da morte lhe chama Vuillermoz): «'tis a consummation devoutly to be wished».

Tudo isto nos é dito com nobreza incomparável e incomparável sobriedade — sem violentar o silêncio, a meia-voz. (Toda a estética de Debussy e de Ravel, toda a sua magia de sugestões aqui está já, com uma sedução e uma ternura acaso ainda maiores). Nada de sombrio, de trágico como no allás sublime Requiem de Mozart, nada de rude ou de severo como no Requiem Alemão de Brahms. Como maior razão, nada de teatralmente solene como no Requiem de Berlioz — que allás tem muito de admirável, mas é bem a obra composta para o enterro de um general...

Entendo assim, o de Fauré é decerto o mais belo dos Requiens — o único Requiem-Repouso.

Termo desejando que este pequeno artigo sem pretensões musicológicas — pois que não quer ser mais que uma modesta acção de graças a Gabriel Fauré pelos momentos inefáveis, únicos, que lhe devo — possa ter sido para algum meu leitor o prelúdio de um amor que dele faça um futuro fervente de Fauré, em quem ardientemente saúdo, com Vuillermoz, um dos maiores magos de hoje e de sempre.

PASSOS VALENTE

Los Charcos del Mundo

Si se pisa una flor
queda la huella sucia
de un calcetín sudado en cada pétalo.

Si se condena al Hombre
se llenarán de lepra las ciudades.

Si se acaricia un arpa
mientras elambre suena,
la poesía se pudre de gusanos.

Arrojemos estrellas
a los charcos del mundo.

Badajoz (España), 1 Marzo 1958

MANUEL PACHECO

POEMA

Os dias, sem matéria, Acaso eles existem?
caem na eternidade,
na vaga eternidade Não haverá apenas
de cada vida humana. um só dia que vemos
e que nunca vivemos
Num calendário, as datas por falta de coragem?
falam dos mesmos dias?
E em cada mesma vida, A coragem enorme
acaso os dias passam? para dizermos: hoje!

ANTÓNIO RAMOS ROSA

LIVROS E AUTORES

A BARCA DOS SETE LEMOS

Romance de ALVES REDOL

Ao pretendermos ler Alves Redol, não é possível fazê-lo de espírito sossegado; é difícil pretendermos imparcialidade perante um novo livro desse escritor que nos deu Avieiros e Fanga, que escreveu Vindima de Sangue e Olhos de Água, obras sobre o nosso povo e para o nosso povo.

Assim, entramos na Barca dos sete lemes com emoção, com aquela emoção que nos despertam toda atitude, toda obra, toda acção que pretende aliar a Casa Portuguesa esta amada Pátria que mais do que o nosso património histórico é a alma do nosso povo, do povo que sofre e se alegra, do povo que, naturalmente, colabora na realização do conjunto a que pertence. E como Alves Redol é o escritor para quem o povo tem sempre a preeminência, é sempre com a emoção de quem rebusca a verdade, a realidade, que abrimos os seus livros, documentos humanos de uma época que, porque é a nossa, é a que mais nos interessa. Nada mais tocará um leitor do que a aproximação dos seus íntimos problemas, do que a compreensão das suas dores e alegrias, das dores e alegrias que, porque são idênticas às suas, o acercam numa comunhão proveitosa.

A Barca dos Sete Lemos é a história de um moço que, tendo passado por menino chega a homem ou, melhor, que, não tendo sido completamente menino também não é completamente homem — considerando a dignificação que deve estar na raiz do indivíduo humano. E, como o Autor o afirma num dos primeiros capítulos, a história de um homem com sete alcunhas, cuja vida me sugeriu uma barca desorientada num mar de tempestade. Mais do que a história de um homem, porém, A Barca dos Sete Lemos é a história de um mar tempestuoso. Mas esse mar é mais longo do que a vida de Cidro, esse mar é o rastro de uma época tão difícil na existência no berço do Cidro — Menino Jesus, como na choupana do Cidro-Ruço de Mãe Pelo, como na lezíria inundada do Cidro-Cavalo Branco, como ainda nas misérias da guerra, vivida na Legião Estrangeira por esse Cidro-O Chacal, alucinado grito contra uma era infeliz, uma era que a história lembrará aos homens do futuro, aos filhos dos nossos filhos, com a mesma dolorosa expressão que relembramos as invasões do bárbaros e a Guerra dos Cem Anos.

Na sequência de uma obra francamente populista, A Barca dos Sete Lemos retrata, uma vez mais, as condições de vida do nosso povo, inelutável realidade que os nossos escritores têm focado, mais ou menos com excesso de folclore, e que, no entanto, continua plena de sugestões, na abastardação que provoca no homem em relação ao meio a que pertence.

O herói de Alves Redol é um grito de revolta, sobretudo de fuga, contra a situação que a vida lhe criou. E porque o meio donde saiu é degenerado e hostil, fruto da incultura e da miséria, Cidro não podia ser o herói tradicional, bom e valente, íntegro e invejável, embora o pudesse ser porque, apesar de tudo, Cidro é um herói, é um que luta para se livrar das amarras do pântano, é um que pretende seguir o caminho só seu. Talvez só a fome o leve a evadir-se do marasmo habitual, talvez, mas Cidro é um herói, um herói falhado, um herói que lutou contra a corrente e não a conseguiu vencer.

De modo que, se por momentos ou por acaso a evocação épica é por nós lembrada, a epopeia aqui tem um rumo diferente, ela incide sobre a estagnação, a referida incultura e Cidro, seguindo o caminho do mal, é o angustioso brado que refere uma maldade que tinha de existir, uma culpa que não é só dele, uma atitude que contribua para que os homens sejam menos maus. E eles serão se forem atenuadas as raízes da sua maldade...

A Barca dos Sete Lemos, sob a forma de relato imparcial de uma série de acontecimentos do nosso tempo, de todos os dias, é uma acusação profunda contra o estado de estupidificação em que o nosso camponês vive (motivo regional) e o mesmo estado de estupidificação que, aliás, atormenta o mundo todo (motivo universal). Dir-se-ia que, no fundo, a verdade é que onde existem dois homens há uma divergência. Mas não... daí adviria a descrença, e crer é o nosso dever, o nosso credo até. O Problema existe, é tão complexo considerado globalmente como individualmente. E enquanto os homens se matam uns aos outros nas guerras que eles próprios criam, e enquanto se perfilam e ostentam no peito medalhas de lata, e enquanto, nos nossos campos, nas nossas fábricas, desejam um amanhã melhor para os seus filhos, que nós pensemos a sério na fundamental solução, a cultura. (Ouçamos, neste ponto, Miguel Torga: O povo está divorciado da cultura, e encolhe-se cada vez mais na sua fome e na sua ignorância. Somos nós, os que saímos dele e o queremos verdadeiramente servir, que temos o dever de o procurar, de o esclarecer, de o interessar activamente na sua própria salvação. Que lhes importam os grandes livros, se eles os não podem nem sequer ler? Que lhes importam as grandes sinfonias, se eles as não sabem ouvir? É urgente chamar o povo à realidade nacional. É preciso interessá-lo de verdade no processo social, onde ele tem o único papel que conta. — Entrevista escrita para o «Diário de Lisboa», in DIÁRIO, vol. III).

Alves Redol, em A Barca dos Sete Lemos continua o processo de um povo, o nosso, desde o seu primeiro livro até agora incansavelmente aprofundado.

Se a problemática deste romance convence o nosso interesse, já o sistema formal não vai tão longe. A facilidade de narração é sensível neste escritor, a sua rebusca de motivos de interesse é altamente beneficiada pela sua linguagem, popular, por isso mesmo forte, e pelo seu estilo, aqui e ali polvilhado de felizes metáforas, de imagens sugestivas. No entanto esta obra tem falta de unidade, é como um grande corpo um pouco desarticulado, procurando-se. Não compreendemos, por exemplo, a quebra de ritmo que se dá quase no fim da história, quando a vida de Cidro passa a ser contada na primeira pessoa. É certo que a autenticidade continua, aumenta mesmo; o que mais salienta a mudança brusca, inexplicável...

Porque A Barca dos Sete Lemos é uma obra onde o literalismo está simplesmente banido, sendo o seu lugar duplamente ocupado pela vida, transportada para a obra de arte no máximo do seu realismo, consideramos este livro de Alves Redol um dos documentos mais importantes da nossa literatura actual — pelo valor que representa para a historização da época difícil que refere.

CASIMIRO DE BRITO

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 162 — 3-8-1958

Secretaria Judicial

Julgado Municipal de Albufeira
ANÚNCIO
2.ª publicação

No dia tres do próximo mês de Outubro, pelas onze horas, no Tribunal Judicial deste Julgado de Albufeira, nos autos de mandado precatório vindo da Comarca de Loulé e extraído dos autos de acção de divisão de coisa comum que António Libânio Correia e mulher Maria Eugénia Moniz Galvão Mardel Correia, proprietários, residentes na Avenida Duque de Loulé, número quarenta e tres, da cidade de Lisboa, movem contra José da Palma Figueiras e mulher Conceição Palma Patrício, proprietários, moradores no sítio do Monte da Renda, freguesia de São Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, é posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte imóvel: — Uma courela de terra de semear com árvores, no sítio da Cerca Velha, freguesia de Paderna, concelho de Albufeira, não descrita na Conservatória do Registo Predial, e inscrita na matriz predial rústica sob o artigo n.º 2.433, o qual vai à praça pelo valor de *Tres mil setecentos e cinquenta escudos*.

Albufeira, 11 de Julho de 1958.

Pel'Chefe de Secção,
(a) José Dias Correia
Verifiquei a exactidão:
O Juiz Municipal substituto,
(a) Henrique Gomes Vieira

Defesa Civil do Território

(Continuação da 1.ª página)
um penso seco. Improvise-o com o que tiver à mão.
— De bastantes líquidos ao doente. Alcool não! Se ele estiver em estado de choque, não lhe dê nada a beber.

NAO ESPERE PARA AMANHÃ!
INSCREVA-SE, IMEDIATAMENTE NUM CURSO DA D. C. T.!

Em 1957, em todo o País, inscreveram-se 10.048 pessoas. Em 1956 o número de inscrições foi de 6.568. Notou-se um apreciável aumento, é certo. Mas não é suficiente. É necessário que toda a população, quando antes, dê a sua colaboração, para que a D. C. T. possa cumprir, plenamente, a sua missão.

SRS. AUTOMOBILISTAS



Pretendeis forrar o vosso automóvel com tecidos de capas, pegamoide ou plástico-cristal?

Consultai:
AUGUSTO D. E. MARTINS

Telefone 19 LOULÉ Apartado 19

Excursões à Bélgica

para visita à
Exposição Universal de Bruxelas
Em auto-carro em Agosto e Setembro

Em comboios, partidas todos os Sábados

No Pacote «Santa Maria» da Companhia Colonial de Navegação
De 11 a 22 de Agosto (12 dias)

Em Avião, às 4.ªs. feiras, Sextas, Sábados e Domingos
Informações e inscrições na:

Agência Peninsular de Viagens e Turismo
Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216
F A R O

A estrada de Salir

(Continuação da 1.ª página)

des da nossa Câmara, grandemente sobrecarregada com a conservação e reparação de mais de 100 quilómetros de estradas municipais, além de muitos caminhos vicinais num concelho de 775 km.².

Apesar de tudo isto, a estrada de Salir não pode ficar por arranjar, pois é de vital importância para uma vasta região de grande trânsito e em crescente desenvolvimento.

Sem poder dar remédio, a Câmara sabe das queixas de quantos têm que passar pela estrada de Salir e dos que, para evitar pesados encargos de reparação dos veículos, a evitam.

Por isso desde há anos que a nossa edilidade se vem esforçando para que o Estado tome posse da referida estrada.

Nesse sentido foi feita há anos uma exposição ao Sr. Ministro das Obras Públicas alegando as dificuldades financeiras e técnicas da Câmara para manter transitáveis as estradas municipais que observem uma parte muito importante das suas receitas.

A Empresa de Viagem Algarve tem levantado os seus reparos ao péssimo estado da estrada e vê-se compelida a suspender as suas carreiras para Salir se a reparação não for efectuada com urgência.

Ainda recentemente foi feita nova exposição ao Sr. Ministro das Obras Públicas e há animadoras esperanças de que a reparação da estrada de Salir seja confiada à Junta Autónoma das Estradas pois só esta entidade tem possibilidades de o fazer, tanto no que respeita à reparação como à conservação.

**Poupe dinheiro
e viaje com segurança**
usando o seu automóvel



A' venda no Stand do Agente
José de Sousa Pedro
— LOULÉ

VENDE-SE

UMA HORTA com nora e casas de habitação, no sítio dos Canos.

Tratar com Manuel Pardalão (barbeiro) — Avenida Marçal Pacheco — LOULÉ.

«Loulé... em retrato»

Este «Loulé... em retrato», tem sofrido grandes tratos e perseguições.

Quando não é por imposição da Directoria do Jornal que lhe aplica a sua «limadela» para afeioar alguma rebarba mais áspera ou saliente, é o editor que se esquece dele na gaveta julgando que já o tinha enviado para a tipografia.

Assim, na última semana, ficou na gaveta. Mas, embora atrasado o seu contexto não perdeu actualidade e por isso aqui vai.

Mês de Julho, mês de cólicas para a Juventude!

Tanta cólica com os exames! Desceram ou subiram a Loulé, mamãs e meninos de todo o concelho...

A Vila está cheia de mamãs, meninos e professoras!

Antigamente, ainda se conheciam as professoras, pelo trajar, pelo falar, pela distinção do lugar que lhes era conferida no grupo.

Hoje, neste tempo de luzes e átomos, já não há distinção possível. As mamãs dos meninos, vestem como as senhoras professoras, falam qualquer assunto com ciência própria e a professora vai em qualquer lugar no grupo!

E diz-se que se não tem progredido!

A estrutura actual da sociedade complexa como é, resultante de novas concepções de vida, apreendidas pela rádio, pelo cinema, pela televisão, pela emigração, pela facilidade de deslocação, pela pulverização de cafés, de centros de reunião como casas do Povo e Sociedades recreativas, pelo maior número de pessoas que sabem ler, é, no seu conjunto, altamente progressiva, mas desconcertante.

No campo do traje, o advento do nylon contribui para mais estabelecer a confusão. Já não há roupas baratas ou caras, já se não distingue o que vale dinheiro do que é apenas aparatoso, enfim todas vestem bem e bonito quer seja de fazendas ou tecidos caros ou apenas de imitações.

Há casos que deveriam ser registados no «Loulé... em retrato», mas que nos abstermos de relatar apenas para que não sejam interpretados como bisbilhote, intriga ou intenção pessoal.

Outros há, que pela variedade de situações afins e idênticas podem induzir na suposição de que visam outros protagonistas.

Não raro temos anotado situações e factos que — nada tendo com A ou B — são atribuídos a estes, por paralelismo de situações.

Outras vezes tem sucedido que escrevendo e pensando em A ou B nos aparecem C e D, a dizer que «aquilo era com eles».

E ainda muitas vezes, pessoas de quem nem sequer nos lembramos, nos vêm dizer: «Lá se meteu connosco!»

E difícil pois, fazer anotações pessoais pela facilidade com que se atribuem a outrem e muitas vezes se perdem casos originais

— — — — —



BAILES

PARA PROGRAMAS OU CONVITES

PREFIRA A

Gráfica Souletana

Telefone 216 LOULÉ

VENDEM-SE

4 courelas com alfarrobeiras e amendoieiras, nos sítios do Cerro de Maio, Ferrinho, Matos e Cova, na freguesia de S. Sebastião.

— Prensas para azeite e vinho e pipas.

— 2 courelas no sítio das Lezírias de Quarteira.

Tratar com Manuel Guerreiro Pereira ou na Rua Frei Joaquim de Loulé, 4—LOULÉ

Emílio Campos Coroa

Médico Especialista

DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS EM LOULÉ, na Clínica «Dr. António Frade», às 2.^{as} e 6.^{as} feiras, às 10 horas.

Uma carta (ATRAZADA...) DE QUARTEIRA

farta» em perspectiva, alegres cavacos, românticos devaneios, saborosos petiscos, sonecas reparadoras...

Oh, que bom!...

Só alguns velhotes, mais pacatos, não se mostram muito entusiasmados e suspiram resignadamente, dizendo adeus ao socego...

Coitados... Embora um bocadinho de botas de elásticos, tenho pena deles...

Porém que fazer? ... Aliás o seu número é insignificante, comparado com os que, como eu se pelam por ver banhistas em pelo.

Enfim, repito: Aparte estas insignificantes excepções, gosto imenso dos banhistas. E é sempre com ansiosa expectativa que aguardo todos os anos o momento da sua pacífica (!!) invasão...

Conheço até já de cor e salteado os inúmeros preparativos que a antecedem, como, por exemplo, o «reconhecimento» prévio, por «patrulhas» especializadas, das condições essenciais dos futuros alojamentos...

— Embora por causa deles fizemos 3 meses sem peixe, sem fruta, sem praia, sem cascas e até quase sem ar (porque até o ar da praia eles dizem que vêm tomar...), mesmo assim gosto dos banhistas. Não cesso de lhes tecer louvores!

E que sem «eles — banhistas», não haveria «elas banhistas». É óbvio. E então, adeus animação, adeus alegria, adeus encanto destes dias de Verão!...

Porque são «elas»: bronzeadas, tostadas, queimadas, torradas, ou da cor das alvoradas (que fimo...); andando, descansando, palestrando, nadando, chapinhando ou simplesmente — se mostrando — são «elas» enfim (sonhos que a gente acalenta...) que dão alma e dão sabor, nestes dias de calor, à Quarteira pachorrenha...

São «elas»... e como não há «elas» sem «eles»... como não hei-de gostar dos banhistas?...

Sim, gosto «deles»... e ninguém tem nada com isso... (só — vá lá... — algum leitor que pague o jornal e ache que já lhe estou a roubar muito espaço...)

...E foi até mesmo para que ninguém se atrevesse a duvidar do «amor» (entre aspas realça mais) que lhes tenho, que eu quis publicamente demonstrá-lo, não só dando-lhe a preciosa e grata notícia com que iniciei esta afectuosa missiva como também rebuscando os «melhores» (é para realçar — outra vez...) pormenores que nesta Quarteira banhistista lhes possam interessar e dando-lhes a propósito (ou será a despropósito?) os óptimos conselhos que se seguem e que eu, despretenciosamente e sem talvez saber bem porque, subordiniei ao título:

Para bom entendedor...

— Se V. Ex.^a, prezados leitores... banhistas, são de Loulé e vêm todos os domingos de camioneta a Quarteira — não se esqueçam! (vejam lá bem — não se esqueçam!) de perguntar em cada viagem e a cada empregado da E. V. A. o horário de cada carreira.

Isto é realmente muito mais simples, engraçado e elucidativo que pedir um «horário» e tê-lo à disposição em casa ou na algeibara, para consultar quando apetecer... e sem incomodar ninguém...

— Se, pelo contrário, V. Ex.^a não precisam aturar os caprichos da E. V. A. em matéria de horários, porque felizmente pertencem àquele abençoado (!!) número de mortais que possuem transporte próprio, é natural que nas vossas deslocações a Quarteira tragam então o automóvel, a fargoneta, o camião, a moto, a scooter ou a bicicleta motorizada de que são orgulhosos possuidores...

... Assim como é naturalíssimo, evidentemente, que pretendam estacionar as queridas viaturazinhas em sítio onde estejam bem à mão, bem ao pé e bem à vista — em suma num lugar seguro (e chic...) onde incomodem toda a gente e impeçam o trânsito, mas onde ninguém se incomode a incomodá-los, V. Ex.^a por estes pequenos incómodos... E, não é?...

Felizmente, este vosso desejo é fácil de satisfazer... aqui em Quarteira. Basta procurar com atenção uns sinais vulgarmente designados de «Estacionamento Proibido» que há cá em certas ruas, nomeadamente na Avenida Marginal... e depois parar aí os veículos, exactamente nesse sítio, ou o mais perto possível.

Se lá couberem (é só este o único obstáculo —) estão salvos, V. Ex.^a e as respectivas viaturazinhas. Ninguém os incomodará já mais...

Pelo menos é o que afirmam os «fregueses» habituais do lugar... e as «más línguas» cá do sítio, que dizem que os tais sinais estão ali — só pra inglês ver...

— Se os prezados leitores são dos que gostam de juntar o útil ao agradável e querem portanto tirar o máximo proveito das vossas passeatas a esta laboriosa praia de pescadores — sigam en-

«A Voz de Loulé» — Loulé

3-VIII-1958

Tribunal Judicial Câmara de Loulé ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 11 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, se há-de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior valor oferecer acima do valor que lhe vai indicado, o imóvel identificado nos autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que Manuel Maria Costa e mulher Isabel Maria Fernandes, residentes em sítio da Fornalha, freguesia de Salir, desta comarca, movem contra José Costa e mulher e outros, residentes no mesmo sítio e freguesia, a saber:

IMÓVEL A ARREMATAR

«Uma courela de terra de semear e serra com árvores, e uma casa de habitação, no sítio da Fornalha, freguesia de Salir, que confronta do norte com caminho, nascente com José Gonçalves e outros, sul com Pedro Francisco e outros e poente com Domingos Costa, não descrita na Conservatória do Registo Predial e inscrita na respectiva matriz sob o artigo rústico n.º 17.232 e sob um quarto do artigo urbano n.º 1.186, com o valor matricial corrigido de mil novecentos e dez escudos, valor por que vai à praça.

Loulé, 19 de Julho de 1958

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente

Júnior

— — — — —



Agradecimento

FRANCISCO NUNES

Alzira Gonçalves Jacinto e seu filho, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por desconhecimento de moradas, vêm por este meio testemunhar a sua gratidão a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu saudoso marido e pai Francisco Nunes e bem assim a todas aquelas que se interessaram pelo seu estado de saúde, quando da doença que o vitimou.

Roda de furgoneta

Perdeu-se uma roda de fourgoneta Borgward, nas estradas entre Loulé-Vila Real ou Loulé-Fonte Santa.

Contra a entrega da roda, receberá o respectivo portador alviçaras em qualquer posto do Algarve de G. N. R. ou a Manuel Guerreiro Rosária — Loulé.

Empregado/a

Precisa-se para serviço de escritório, com alguma prática.

Nesta redacção se informa.

tão sem tardança este conselho amigo:

— Compre peixe — de qualquer espécie e por qualquer preço (isso são pequenos pormenores sem importância para o caso...) e traga-no para vender em Quarteira, aqui na Praia, em cima da areia...

Só vendo — acreditam no que lhe rendei...

Cordealissimamente,

Um Quarteirense Qualquer

Praias alemãs

(Continuação da 1.ª página)

em todas as épocas do ano e estão especificadas as suas indicações terapêuticas. Este individualizado assenta nos valores da meteorologia, na temperatura das águas, etc. etc.

E vasto o campo da medicina que lhes colhe proveitos: doenças de foro torácico; tuberculose óssea, ganglionar e cutânea; dermatoses várias; alergias; distonias neuro-vegetativas; doenças da nutrição e doenças cardiovasculares; de foro neuro-psíquico, reumatismos, nevrites, etc., etc.

O moderno terapêutico, como é de ver, depende dos quadros clínicos.

Há que considerar, pois, a clássica helioterapia, os banhos de areia, as inalações, a talassoterapia, que é a terapêutica do uso das águas do mar, bebidas segundo um esquema determinado, e a associação destes preceitos, consoante a doença em causa.

Não vemos agora a necessidade de pormenorizar cientificamente este problema, para não causar aversão a quem nos lê.

A nossa intenção é de chamar a atenção para o alto valor médico-terapêutico e não simplesmente turístico-recreativo das praias portuguesas.

Convém, por conseguinte, encerrar, neste conjunto, a importância dum clima marítimo e dar a conhecer as vantagens que deles podem auferir aqueles que são doentes e os que gozam de perfeito equilíbrio psico-fisiológico.

Gostariamos que fosse Quarteira a dar o primeiro passo neste novo rumo, estabelecendo no Algarve uma estância balnear terapêutica, análoga às estações balneares alemãs, completando assim a sua verdadeira missão de praia a mais concorrida do sul do País.

Se o clima do litoral algarvio é dos mais amenos do mundo e da Ponta da Piedade até Monte Gordo se pode aferir pelos valores meteorológicos da Praia da Rocha, Quarteira, equidistante desses extremos, seria um centro óptimo para a criação duma Estância de terapêutica marinha, o que lhe tornaria mais conhecido o nome dilatado que tem já em PORTUGAL.

— — — — —

Notáveis de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

política de grupo que aqui se faz e cultiva há alguns anos.

Pois bem! E se, à imagem e semelhança do que se faz por outras terras do País que cultivam uma política de avivamento e enraizamento da noção da naturalidade, se organizasse uma grande festa de confraternização da família louletana dispersa, que serviria simultaneamente de homenagem e consagração aos méritos dos seus notáveis?

Faz-se isso em Gavião em outras localidades do País, periodicamente, e porque não se há-de fazer em Loulé, onde o número de louletanos ausente é tão grande e de tão alto quilate?

Porque não, de dois em dois anos, de três em três, ou nos que a facilidade de execução de medida proporcione, se não há de juntar um dia, todos os louletanos notáveis, ou pelo menos o maior número de louletanos notáveis para serem homenageados na sua terra e aqui, em confraternização, revigorarem os vínculos que os ligam à terra mãe e servirem de exemplo, estímulo e orgulho aos outros louletanos?

Aqui fica a ideia! Que a municipalidade, ou alguma comissão, lhe dê viabilidade e a aproveite, para maior glória e divulgação do nome desta terra, que tão apagada vai sendo, apesar de possuir tanta gente de valor.

R. P.

CASA

Aluga-se uma casa e um armazém, numa rua próxima da estação da E. V. A.

Tratar com Manuel Guerreiro Pereira ou na Rua Frei Joaquim de Loulé, 4—Loulé.

Automóvel

Vende-se um automóvel Anglia, Série 21, em bom estado.

Tratar na Garage Avenida — Loulé.

Propriedade

Vende-se, com cerca de 20 hectares, boas terras de semeadura e muito arvoredor; quase junto à estrada nacional, entre as estações de Albufeira e de Tunes.

Trata José Tiago Correia — Grémio da Lavoura — FARO

DOUTOR

José Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

tudo o Algarve servia-se do seu prestígio e bondade só para aniquilar ódios e impor o seu conselho criterioso, para afastar alguns espíritos do atoleiro viscoso e do lamaçal em que caíam. Não lhe cabia no coração generoso vinganças mesquinhas, nem lhe afloravam aos lábios palavras rancorosas e imprudentes, só sentindo prazer em socorrer os doentes, todos que dele precisassem, e quantas vezes com manifesto prejuízo do seu descanso e da sua já abalada saúde. Nunca soube dizer: «não», e fosse a que horas fosse da noite, lá ia de monte em monte, levar conforto aos doentes, porque fazia da sua profissão um sacerdócio.

Era a sinceridade e a sua profissão de médico os mais legítimos braços da sua bondade, e a honradez e os seus cuidados de médico distinto os maiores apalíngos do seu nome, da sua profissão, por isso vimos sobre o seu túmulo desfolhar as flores da imarcescível saudade e de eterno reconhecimento pelo muito que lhe ficámos a dever.

Não vimos fazer estilo, nem empregar palavras pomposas e encomiásticas para saudar a memória do Doutor Bernardo Lopes. Não, porque neste grito de alma não há adulacões; há uma homenagem tão merecida como espontânea e comovida, entrelaçando-se nesta hora, uma coroa de saudades dos admiradores, com a certeza que a morte deste grande benemérito não foi mais do que o começo de uma outra vida, onde Deus o recebeu com a sua infinita bondade.

A dor veio e cá está conosco. A saudade acompanha-nos.

Era um bom um grande amigo e a vida para ele foi de trabalho e passou quase com a rapidez de um relâmpago.

Não se amoldava ao seu temperamento o espesinhar interesses alheios, não se coadunava à sua fidalguia o irritar paixões.

Quem não conheceu o Dr. Bernardo Lopes, quem não se recorda de tantos favores, quem se poderia esquecer, quem não se recorda desse grande benemérito, quem se poderá esquecer desse homem que se apoderou das nossas almas, e que a sua imagem se grava cada vez mais nas nossas mentes, que dificilmente se apagará?! Todos...

Há uma grande divisão de gratidão a saldar: o monumento em sua honra e memória, para que não se diga que os louletanos o esqueceram, ou como diz o povo: «morreu a pessoa, acabou a pegoalha».

A sua morte não enlutou só uma família, enlutou um povo.

Salde-se a dívida... quanto antes... senhores da Comissão encarregada de erigir o monumento.

Paz à sua alma. Augusto C. Bolotinha

REGENTES Escolares

(Continuação da 1.ª página)

No meio das serras e dos montes quase inacessíveis, para onde a fraca densidade populacional as atirou, ali exercem o seu magistério digno e honesto, em casas tantas vezes condenadas por falta dos mais elementares preceitos pedagógicos e higiénicos, à fraca luz do candeeiro de petróleo, quando à da candeia de azeite, trabalhando almas rudes e que na generalidade não sabem o que é o comboio, um barco, ou o cinema, a vida das Regentes é do mais doloroso dos sacrifícios.

Sem caixas métricas, sem mapas actualizados, algumas vezes, sem carteiras em número suficiente, sem elementos ou possibilidades de consulta para qualquer dúvida que surja, sem um jornal ao menos, para as pôr em contacto com o mundo, que esforço enorme não representa a actividade destas humildes serventúrias da causa da Educação.

Com os magros recursos de alimentação que a própria vida da montanha oferece, quantas horas dolorosas de privações e necessidades se impõem para trazer depois à Vila, os seus alunos e preparar aquelas alminhas para fazerem figura no meio de outros que dispuseram de todos os recursos para brilhar!

E com que doloroso sacrifício elas estão dias seguidos, na Vila, acompanhando até final os seus alunos, no meio urbano onde tudo se paga a dinheiro e onde tudo são exigências, de vestido, calçado e compostura!

Honra às Regentes Escolares, que dignificam com o sacrifício pessoal levado até ao limite do humanamente admissível, o exercício do seu nobre mister!

R. Pinto

Propriedade

Por motivo de retirada, vende-se ou arrenda-se uma grande propriedade próxima da vila, com sequeiro e regadio.

Nesta redacção se informa.



SENHORES LAVRADORES!

Chegou a época própria de resolver os seus problemas de regas

A CASA ESPECIALIZADA JOSÉ DE SOUSA PEDRO — Rua 5 d'Outubro, 29 - 33 — LOULÉ

Proporcionar-lhe-á as MAIORES FACILIDADES para resolver as suas dificuldades!

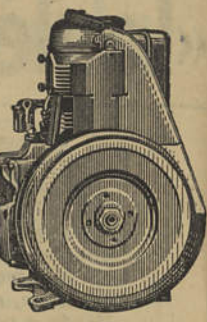
Motores, Bombas, Grupos Moto-
-Bombas e Electro-Bombas



**SEGUROS,
PNEUS, ETC.**



Tubagens, Acessórios, Correias
e Ligadores, etc., etc.



Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fizeram anos em Julho:
Em 27, o sr. António de Sousa Inocência, (Marrocos).

Fazem anos em Agosto:

Em 6, as sr.^{as} D. Maria das Dores Mendonça Lúcio, residente em Lisboa, D. Capitolina Gonçalves Calço, residente na Venezuela, e as meninas Maria Helena Vieira Neves, residente em Boliqueime e D. Maria José Pires Portela.

Em 7, o sr. Manuel Rodrigues Guerreiro e as meninas Eugénia Maria Martins Salgadinho, Maria Madalena Ramos Melenas, e Engrácia Maria Martins Salgadinho.

Em 8, a sr.^a D. Ana Luisa Galvão Leal e a menina Vanda Maria Martins Farrajota.

Em 9, o sr. José Centeio de Sousa Martins.

Em 12, o sr. José de Sousa Victorino.

Em 13, a menina Maria Filomena Ganhão Candeias Santos.

Em 14, o sr. Ezequiel Madeira do Estanco e o menino José Fernando Caracol Guerreiro.

Em 15, o sr. José João Ascensão Pablos.

Em 18, o menino João Manuel Rodrigues Guerra.

Em 19, a menina Jacquelina Alferes Martins.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Na companhia de seus filhos e esposa, sr.^a D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, esteve nesta vila, a fim de assistir ao funeral de seu sogro, o nosso prezado amigo e assinante em Vila Real de Santo António, sr. Francisco Lopes Madeira, conceituado comerciante naquela praça.

— Em gozo de férias, partiram para a Praia da Rocha as sr.^{as} D. Maria Berta Neves e D. Lucília Martins Carrilho, nossa estimada assinante nesta vila.

— Na companhia de seus pais, encontra-se na aldeia da Tor o sr. José de Sousa Silva, que este ano terminou o curso de Regente Agrícola na Escola de Regentes Agrícolas de Évora.

— Acompanhado de sua família, retirou para Albufeira, onde vai passar a época balnear, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Teixeira Faisca, digno Chefe da Secretaria Judicial de Loulé.

— Tivemos o prazer de abraçar nesta redacção o nosso querido amigo sr. João Trigueiros, conceituado comerciante em Oihão e grande entusiasta do Campismo, que se deslocou a Loulé para estudar as possibilidades da nossa Câmara criar um Parque de Campismo na zona arborizada do Parque Municipal, para o que reúne excelentes condições.

— Em gozo de férias, deslocou-se à Inglaterra e a vários países da Europa central, o nosso prezado assinante sr. Carlos Alberto Marques, chefe da Secção de Finanças do nosso concelho.

— Em gozo de férias, encontra-se em Loulé com suas filhas e esposa, sr.^a D. Maria das Dores Cristóvão da Piedade Pinto Lopes, o nosso estimado amigo e assinante sr. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, funcionário do Ministério do Ultramar.

— Acompanhado de sua esposa e filhinhos, encontra-se a passar a época balnear em Quarteira o nosso conterrâneo e prezado assinante e amigo sr. João de Brito Vicente, gerente da Delegação do Porto de Instituto Luso-Farmac.

— Em gozo de licença, encontra-se em Loulé o nosso prezado assinante em Lisboa sr. Tenente João Manuel Domingues Garcia, recentemente promovido e colocado no Quartel da Estrela da G. N. R.

NASCIMENTOS

— Com muita felicidade, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, em casa de sua residência em Faro, a sr.^a D. Maria Madalena Vitorino Coelho Caninas Oliveira e Sousa, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. José António Oliveira e Sousa, funcionário da Agência de Faro do Montepio Geral.

A recém-nascida receberá na pia baptismal o nome de Eduarda Margarida.

— Em Lisboa, onde reside, também teve a sua «delivrance» dando à luz um robusto rapaz, no passado dia 20 de Julho, a sr.^a D. Maria José Martins Carapeto,

esposa do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Adriano Rocha Carapeto, Imediato da Marinha Mercante.

São avós paternos o sr. Adriano dos Santos Carapeto e sua esposa sr.^a D. Mariana Rocha Carapeto.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos por um futuro risinho para os seus descendentes.

FALECIMENTOS

— Com a idade de 47 anos faleceu na cidade de Valência (Venezuela), na passada dia 24 de Junho, o nosso conterrâneo sr. António Martins Garrocho.

O extinto deixa viúva a sr.^a D. Arminda Serafim Caleiras e 2 gêmeas de tenra idade. Era filho da sr.^a D. Laura de Jesus Garrocho e do sr. José Martins Garrocho (falecido) e irmão da sr.^a D. Esmeralda da Piedade Martins e do sr. Joaquim Garrocho.

— Em Lisboa, também faleceram há dias os nossos conterrâneos srs. Manuel Rosa Guerreiro, de 74 anos de idade, e Manuel Rodrigues Guita, também de 74 anos, que deixa viúva a sr.^a D. Antónia de Jesus e era pai das sr.^{as} D. Dorila, D. Arminda e D. Maria Rodrigues e dos srs. José e Francisco Rodrigues.

— Por ter sido acometido de uma síncope quando descansava num banco da praça Dr. Oliveira Salazar, faleceu nesta vila no passado dia 31, o sr. Alexandre Gonçalves Gosma que, apesar de ter sido prontamente socorrido e transportado ao Hospital poucos momentos teve de vida.

O extinto, que contava 78 anos de idade, deixa viúva a sr.^a D. Adelina do Pilar da Ponte Gonçalves e era pai da sr.^a D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, e do nosso dedicado amigo e conterrâneo sr. Gilberto da Ponte Gonçalves, funcionário do Ministério das Finanças e que desde há dias se encontra em Loulé em gozo de licença e sogro da sr.^a D. Alberta de Barros Gonçalves, irmã do proprietário deste jornal e do sr. Francisco Lopes Madeira, conceituado comerciante em Vila Real de Santo António.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

QUARTEIRA

Vende-se um prédio em Quarteira com 6 divisões e quintal. Tratar com Maria de Lázaro — Quarteira.

CASAMENTOS BAPTISADOS

Festas de Aniversário

Para maior satisfação dos seus convidados, V. Ex.^a deve valorizar o «Copo d'Água» com os excelentes e muito apreciados SORVETES do

BAR AVIZ

Telefone 193

LOULÉ

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

FRUTAS, LEGUMES E OUTROS PRODUTOS

HORTÍCOLAS

Sempre frescos, de excelente qualidade, encontra V.

Ex.^a aos mais baixos preços do mercado, na

CASA DAS FRUTAS

Um novo estabelecimento ao serviço de V. Ex.^a na

Avenida José da Costa Mealha, 27

LOULÉ

DITOS... e mexericos

Afinal parece que já se instalou o aparelho para cloragem da água de consumo público da Vila de Loulé.

De estranhar é, porém, que não apareça da parte da Câmara ou dos Serviços que superintendem neste sector sanitário, um comunicado ou nota, informando o público de que pode ou não pode utilizar a água da canalização sem ser fervida.

Uns dizem, que sim, outros que não e afinal quem devia dizer alguma coisa... não diz nada.

Também nos falam de que no nosso Mercado aparece, frequentemente, fruta verde e em mau estado de conservação e que não há qualquer fiscalização sobre o assunto.

Pedimos e chamamos a atenção de «quem de direito».

Proseguem as obras de construção das placas da Avenida Costa Mealha e o corêto continua estático e monstruoso a cortar a perspectiva da melhor e mais linda arte da vila.

Senhores da Câmara! Tirem aquele monstro dali! Loulé inteiro os aplaudirá, tantas são as vozes que o requerem!

De 135 alunos que requereram admissão à Escola Industrial e Comercial de Loulé, 28 ficaram reprovados.

É um índice bastante elevado de reprovações pois representa 20,08% daquele total.

Não sabemos do que se passou em outras localidades do Algarve onde funcionam escolas técnicas para tirarmos uma indicação sobre se o fenómeno se deve a exigências de apuramento, com pontos de exame difíceis, ou a má preparação dos candidatos.

Brevemente voltaremos ao assunto e mais documentados.

Loulé, está outra vez, cheia de cães vadios. De manhã é vê-los em cata dos caixotes de lixo postos às portas, que depois revolvem em procura de detritos com valor alimentício e, na generalidade, entornam com prejuízo da limpeza das ruas e do aspecto decente e limpo dos passeios públicos.

OBSERVADOR

EXPOSIÇÃO

de trabalhos na Escola Industrial e Comercial

De 2 a 8 do corrente, das 9,30 às 12,30 e das 14 às 17 horas, estará patente ao público a exposição de trabalhos dos alunos da nossa Escola Técnica.

PAPELÃO

VENDE-SE barato. Nesta redacção se informa.

Participações de nascimento

em modernos e interessantes modelos, executam-se na GRÁFICA LOULETANA

«JARDIM - ESCOLA

João de Deus»

É grande o entusiasmo com que por todo o Algarve, foi acolhida a deliberação de construir em Faro o primeiro «Jardim-Escola», a mais bela homenagem algarvia ao imortal autor da «Cartilha Maternal».

A Casa do Algarve em Lisboa iniciou uma cruzada de propaganda e divulgação desta iniciativa grata a todos os corações algarvios e que será, decerto, coroada do melhor êxito.

A subscrição aberta naquela casa Regional atinge já a soma de 23.220\$00 na qual se inclui o valor do terreno gentilmente oferecido pelo benemérito algarvio Eng.^o M. Abaim Ascensão de Sande Lemos.

Também a nossa conterrânea sr.^a D. Maria José de Brito Estanco, distinta Arquitecta, ofereceu gentilmente a execução e estudo do projecto do edificio.

Em colaboração com a Casa do Algarve vamos abrir nas nossas colunas uma subscrição para o Primeiro «Jardim-Escola João de Deus», no Algarve.

Aceitamos desde já todos os donativos que nos forem enviados com esse fim.

UMA PONTE EM RUINAS

A pedido de vários assinantes de Boliqueime, chamamos a atenção de quem de direito para o deplorável estado em que se encontra a ponte do sítio Ponte de Barão na estrada municipal que divide os concelhos de Loulé e Albufeira e dá ligação à praia de Olhos de Água, cuja frequência está aumentando de ano para ano apesar das enormes dificuldades de acesso.

Segundo nos informam é extremamente perigoso o trânsito pela referida ponte por já não possuir qualquer amparo, que desde há anos se encontra derrubado. Em tempos foi publicado na imprensa da capital que o Estado concedera uma importante verba para reparação dessa ponte mas até hoje nada se fez, apesar de se tratar de uma obra de urgente necessidade para uma população da vasta área que não pode prescindir de a utilizar.

É para desejar, portanto, que a Câmara de Albufeira providencie para que essa obra seja levada a efeito no mais curto espaço de tempo possível.

Écos de Querença

Realiza-se nos próximos dias 15 e 16 de Agosto a tradicional festa em honra da Nossa Senhora da Assunção padroeira desta freguesia que se espera seja muito concorrida por grande número de forasteiros como nos anos anteriores.

Tudo o seu produto será para benefício da Igreja paroquial.

— Está quase concluído o trabalho do edificio escolar que tanto veio satisfazer, esta boa gente e que há tantos anos era desejado.



Agradecimento

António Francês

Arlinda da Natividade Santos Reis Francês e José da Conceição Francês, na impossibilidade de agradecerem directamente a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar por ocasião do falecimento de seu sogro e pai, António Francês, fazem-no por este meio a todos manifestando o seu sincero reconhecimento.

Agradecimento

José da Costa Guerreiro, não desejando incorrer em qualquer omissão que seria lamentável, vem por este meio, com a mais profunda gratidão, testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que por qualquer forma manifestaram o seu interesse pela marcha da doença de que foi acometido, bem como os votos que, bondosamente, se dignaram formular pelo seu restabelecimento.

Para bons trabalhos TIPOGRÁFICOS

PREFIRA A

Gráfica Louletana

ECONOMIA

PERFEIÇÃO

RAPIDEZ

Telefone 216

LOULÉ

Divagando...

(Continuação da 1.^a página)

convencional, dura e passa como a mesma sensoria, com a mesma mesquinhez e com a mesma temperatura do verão e inverno...

A aventura tem o sabor do romance, da elevação, da grandeza dos sacrifícios, da arte da escolha e da apreciação dos grandes momentos, em que as almas se confundem para um grito de revolta, saltado da pureza do nosso sentir, num desabaço espiritual sentido mas não confessado!

Um desabaço que não tem fronteiras, que não admite limites, que é a pura essência e a pura expressão de uma ansiedade individual que só se domina pela compreensão mútua de outra ansiedade tão grande ou maior!

2.^a

Não é a lógica nem o prazer do colecionador, a fantasia ou a vaidade do catalogador, a sede ou a persistência do caçador em matar, o desejo do enfiar mais uma pérola no colar, que domina a criação da aventura!

A aventura é exactamente o contrario de tudo isto. É um acto esporádico, um acto impensado, digamos, mas por isso mesmo, especial, estranho, nascido de um puro achado, de uma descoberta acidental, de um encontro absolutamente ocasional, de uma identidade de compreender e sentir que se desvenda e se desdobra em pura revelia, e em determinado momento!

É completamente alheio esse acto, a qualquer desejo preconcebido, a qualquer perseguição premeditada, a qualquer intenção definida.

É o sabor, o seu encanto, a sua beleza advém justamente do inesperado, do desabochar espontâneo, da exploração circunstancial e que ninguém provocou.

O seu encanto, está, sobretudo, em ser uma criação sentimental, sem artificios, sem maldade, sem maus instintos, sem prever-

sidade, sem vontade ou desejo de prejudicar, sem cálculo ou interesse, mas apenas uma chama que nasce, cresce e se eleva sem ser ateadada, soprada ou avivada, mais que por sua própria autodinamia.

É, enfim, mais que o, «vou fazer isto»; o «como é que isto aconteceu?»

3.^a

Diz um provérbio árabe: «Aquele que não sabe e não sabe que não sabe, é louco e cretino»;

Aquele que não sabe e sabe que não sabe, é prudente e avisado; mas aquele que sabe e sabe que sabe, é sábio.

Há quem julgue tudo saber, mas o mais sábio, também sabe que, quanto mais se sabe, mais se sabe que não se sabe.

Julgo ter respondido com estas frases soltas, à mais «insidiosa» das suas perguntas.

A subtilidade do seu espírito aspirará delas a essência da expressão que se adivinha, que se pressente e não se sente.

E se V. quiser ser franca, quiser usar daquela lealdade que tem de caracterizar uma sinceridade que a sua formação moral lhe impõe, há-de forçosamente concluir que ainda sabe pouco, daquilo de que julga saber muito.

E... se quiser ser um pouco, mais perspicaz, se quiser medir um pouco este problema, introspectivamente, este seu problema em conjunto com o meu, terá de fazer a seguinte pergunta:

«Não estarei eu já, a viver uma aventura, só de ouvir, só em escutá-lo?»

Depois, no dirá!

F. Rodrigues

RUA ARCO DO PINTO

FIM DE CURSO

Com elevada classificação, concluíram o curso de Construtor Civil, na Escola Industrial e Comercial de Faro, os nossos conterrâneos srs. António de Sousa Neto e José Vitória Neto, filhos dos conhecidos e hábeis construtores civis de Loulé srs. José e António Guerreiro Neto.

Endereçamos-lhes os nossos parabéns e formulamos votos por uma brilhante carreira.

Por terem resultado infrutíferas as diligências efectuadas junto dos respectivos encarregados, pedem-nos algumas pessoas residentes nas proximidades da Rua Arco do Pinto que chamemos a atenção da Câmara para o montado de pedras que está obstruindo a referida rua, devido a uma derrocada de um muro que quase por milagre não apanhava uma mulher com uma criança que no momento por ali passou. O resto do muro ameaça ruir pelo que é urgente providenciar no sentido de evitar nova derrocada que pode pôr em perigo de vida quem por ali passe.